

João Ferro Martins @ Galeria Caroline Pagès, Lisboa

*Faux
Ordinaire
Revêche
Manipulateur
Egoïste
Lascif*

7 Dezembro 2011 – 18 Fevereiro 2012

Galeria aberta todos os dias das 15h às 20h, excepto Domingos, e por marcação.

Nós não queremos poder!

O mundo contemporâneo desmultiplica-se em eventos sociais, políticos e artísticos de forma desmesurada, colocando-nos em permanente reacção. Já não podemos ambicionar uma visão simplista do mundo, unitária e purista. Olhar para o mundo desta forma seria como olhar para um horário de comboios do ano passado ou mesmo de dez anos atrás¹. O mundo entra na exposição de João Ferro Martins de forma polifónica. As várias vozes estão em contraponto, independentes e da sua justaposição ou sobreposição resulta uma nova harmonia resultante da suspensão da violência de uma coisa sobre a outra. A perversão das linguagens aqui utilizadas entra na lógica operativa da subcultura, onde se utilizam, a seu belo prazer, partes de outras coisas, se manipula e disforma o real, o instituído, para dar lugar a um novo - um interior que necessita de se tornar exterior e que na sua liberdade plena vai contra aquilo que está estabelecido como regra ou dogma. Este novo é uma massa informe ainda por territorializar. A saber: Uma enorme pedra suspensa (pintada) diante de nós; Um megafone coberto por uma meia de vidro; Um conjunto de fotografias de uma mão que mimica um discurso; Dois monocromos que aparentam ser duas bandeiras sem mensagem; Um rádio que passa um discurso imperceptível (O manifesto Anti-Dantas de Almada Negreiros recitado por Mários Viegas com o pitch alterado e passado de trás para a frente); Um círculo marcado várias vezes sobre a parede, com um lápis - suspenso pelo fio que dá a medida à forma.

Da heterogeneidade das obras, transparecem os mecanismos da linguagem política. A mensagem explícita da política é substituída pela forma plástica. Em F.O.R.M.E.L., é necessária a autonomia daquele que vê para conseguir reconstruir o mundo a partir deste singular, formado por muitas vozes, para o todo. E é nesse sentido que as linguagem plásticas utilizadas são na sua maioria de carácter concreto. As obras, aqui agregadas, ganham ainda novas camadas de entendimento pela sua interferência com obras com texto (um jogo que é feito também no sentido inverso): duas frases de Kleist inscritas em fitas Dymo, uma preta e outra vermelha, coladas em duas paredes na diagonal. Duas pinturas formais com uma palavra sobre cada uma delas. A linguagem aqui não explica pois, no seu ímpeto concreto ela é mais uma coisa no Mundo – como pretendia o Suprematismo, formando uma novo sentir, capaz de re-ligar as pessoas. Neste sentido a linguagem interfere - actuando

como se fosse um néon mental dentro de cada um de nós, sobre a leitura das restantes peças. A tenda que jaz no chão de uma das salas é a imagem dessa interferência polifónica entre o já dito e o novo à nossa frente; Entre o mecânico e o manual; Entre o humano de outrora e as máquinas de hoje² que colidem lá fora.

1- Pasolini utiliza esta imagem para criticar os intelectuais, que não desejam olhar para o mundo como ele é, chegando mesmo a constatar: "... se estamos na montanha porque é que estamos a falar do mar?..." in "L'Ultima entrevista de Pasolini"; de Colombo e Ferreti. Ed. Allia. 2010.

2 - " A tragédia é que já não há seres humanos mas máquinas estranhas que colidem umas contra as outras" in "L'Ultima entrevista de Pasolini"; de Colombo e Ferreti. Ed. Allia. 2010.

Hugo Canoilas, Dezembro 2011

Faux (falso): oposto à verdade; Que segue um mau caminho; Que não está composto segundo as regras da arte. Acrescenta-se ao nome de coisas que se assemelham a outras.

Segundo Sérgio Solmi, é na mentira que é possível afirmar algo ou dar a ver, pois a verdade é invisível. Na segunda proposta escolhida para a designação e em referência directa à arte, eu diria que a única forma de fazer arte é não seguir os caminhos ou as regras da arte, pois a arte vive dos seus momento de ruptura. Arte vive - mantém-se viva pela sua actividade radical de renovação. E dada a sua elasticidade (no termo e nas possibilidades) são necessárias posições radicais em relação ao que está instituído.

Ordinaire (ordinário): Que está na ordem das coisas habituais; comum, habitual, vulgar,; igual ao maior número. Mediocre, pouco saliente, sem nada de notável ou de extraordinário.

A arte é mais uma coisa no mundo. Mesmo tentado exponenciar as possibilidades da sua existência, a arte entra na cadeia alimentar do mundo. A arte faz parte do espectáculo em que vivemos quando é extraordinária (no sentido da sua espectacularidade), pelo que o ordinário, de mau gosto, vulgar, é uma forma de preservar o nosso ethos e permancer inserido numa subcultura.

Revêche (mal-humorado): Aborrecido, amuado, intratável, zangado. O mundo está lá fora feliz como se nada se passasse. E entra pelos nossos olhos e diz-nos: este é o melhor dos mundos possíveis.

Manipulateur (manipulador) aquele que prepara (alguma coisa) com a mão; Engendrar, forjar: Manipular idéias.

A manipulação do já dito e das linguganes formais já existentes visam a renovação da forma como olhamos para o todo, através da renovação de sentidos.

Égoïste (egoísta): Que, ou quem trata só dos seus interesses; Que demonstra falta de sentimentos altruístas. Em que há propensão relativa à conservação do indivíduo.

A tua sorte é tua, não queiras a sorte dos outros (Almada). A nossa sociedade quer viver a vida dos outros (as imagens que nos vendem do paraíso) . Eu quero ser absolutamente diferente do outro e preciso que os outros se tornem autónomos para me aceitar na diferença.

Lascif (lascivo): Libidinoso, licencioso, sensual; Brincalhão, travesso.

A arte é um interior que, eroticizado, se torna exterior.

www.carolinepages.com

<http://joaoferromartins.blogspot.com/>